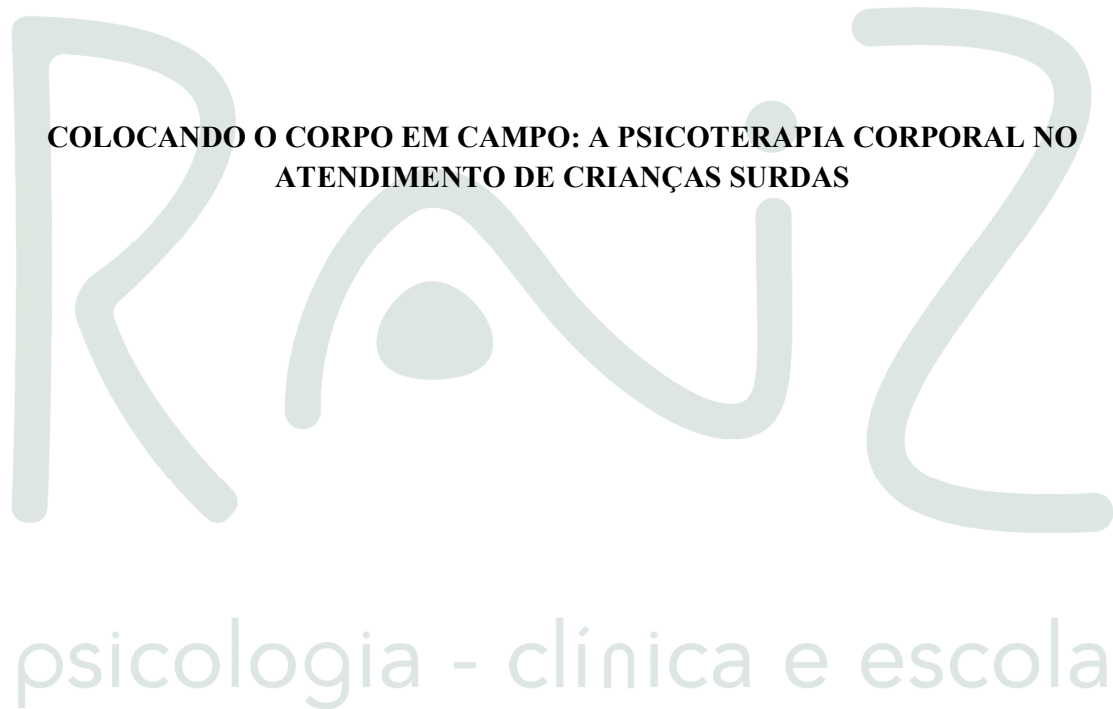


A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize CABELLO, Janaina. COLOCANDO O CORPO EM CAMPO: A PSICOTERAPIA CORPORAL NO ATENDIMENTO DE CRIANÇAS SURDAS. In: Susana Z.; ALMEIDA, Fabiana, A. R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

JANAINA CABELLO



A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize CABELLO, Janaina. COLOCANDO O CORPO EM CAMPO: A PSICOTERAPIA CORPORAL NO ATENDIMENTO DE CRIANÇAS SURDAS. In: Susana Z.; ALMEIDA, Fabiana, A. R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

AGRADECIMENTOS

À todas as pessoas do Instituto Raiz, pelos mapas.

Ao Gabriel, pela oportunidade de experimentar esse amor.

Aos meus pais, Edson e Diva e aos meus irmãos Camila e Rafael. Por tudo o que sabemos e conseguimos ser juntos.

À Rute (*in memoriam*) – pela linda casa, pelas pizzas, o vinho, os pijamas emprestados e pela beleza do encontro.

Ao meu grupo, por se aventurarem nesse mergulho comigo e pela confiança em *nosso caderno*.

Muito obrigada!

A reprodução deste artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos partes, utilize CABELLO, Janaina. COLOCANDO O CORPO EM CAMPO: A PSICOTERAPIA CORPORAL NO ATENDIMENTO DE CRIANÇAS SURDAS. In: Susana Z.; ALMEIDA, Fabiana, A. R. Revista online, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2025: Instituto Raiz, Clínica Escola e Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/

RESUMO

Este trabalho descreve o atendimento clínico de uma criança surda, falante de Libras, a partir de uma intervenção inspirada na psicoterapia corporal reichiana e neo reichiana. Considerando questões que se relacionam à diferença linguística entre terapeuta (ouvinte) e criança (surda), são tecidos alguns apontamentos sobre as possibilidades da transferência/contratransferência na clínica psicanalítica com crianças surdas – a partir da visualidade como uma outra via de *escuta* - assumindo, nesse sentido, o compromisso já há muito defendido por Reich (2013) de satisfazer melhor e dignamente todos os desejos vitais da saúde, cuidando com especial atenção das crianças. Desse modo, assumindo a surdez como uma surpresa para os pais que, comumente se *calam* diante do diagnóstico, discutiremos algumas consequências possíveis desse *silêncio* entre mãe/bebê que pode oscilar entre um “quase abandono” e “absoluto protecionismo”, ambos impedindo uma posição subjetiva da criança que ultrapasse a posição de objeto. Nessa direção, serão descritas algumas *cenas* de um atendimento clínico que aconteceu semanalmente ao longo de seis meses, com o objetivo de apresentar como foi estabelecido o vínculo terapêutico, as estratégias de acolhimento linguístico/corporal adotadas e os exercícios inspirados principalmente pela biossíntese e bioenergética que foram apresentados à criança surda, encaminhada ao atendimento por não conseguir “separar a fantasia do real”, ser “ansiosa e agressiva” e “não ter limites”. Observamos que, a partir de brincadeiras com movimentos específicos, da movimentação corporal consciente, de espaços para a manifestação segura e consentida de sentimentos (como fúria, medo, raiva ou tristeza) e de exercícios de respiração e relaxamento, tanto uma organização linguística/de pensamento como também do corpo foi sendo estabelecida, o que nos anima a pensar e a defender novos estudos que possam propor uma clínica corporal de inspiração reichiana e que contemple a especificidade linguística/visual de corpos surdos – especialmente das crianças.

psicologia - clínica e escola

Palavras-chave: Psicologia Corporal; Reich; Teorias Neorreichianas; Surdez; Língua Brasileira de Sinais (Libras).

SUMÁRIO

1. Introdução: começar do começo (ou um pouco antes...)	1
1.1 Escrita de si	3
1.2 Garimpo	5
1.3 Raiz e Profissão	8
1.4 Capítulo do Grupo	10
2. A clínica psicanalítica/corporal com pessoas surdas: possibilidades	16
3. Percurso Metodológico	20
3.1 A criança	20
3.2 Os atendimentos: estudo de caso	21
3.3 O caderno de campo	21
3.4 A cena como dispositivo metodológico	22
4. As cenas	23
4.1 A Psicoterapia Corporal, a Análise Bioenergética e a Biossíntese	24
5. Algumas considerações	30
6. Posfácio	31
7. Referências	34

1. Introdução: Começar do começo (ou um pouco antes...)

“Aparição é ter sua essência – profunda, misteriosa, inalcançável e única – considerada existente pela simples presença testemunhada de si: quem tem aparição tem nome” (LUZ, 2013, p. 37).

Começo de antes, muito antes do Raiz.

Começo de uma formação em Psicologia que aconteceu há vinte anos, na Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Bauru. Uma formação tão intensa afetivamente, a Psicologia como campo de saber e profissão sendo entrelaçada com o início de uma vida adulta desejada e, vendo hoje, daqui de longe, com até alguma coragem e valentia por uma menina de dezessete anos que um dia fui. Magrelinha, o mundo inteiro parecia estar ali, pronto para ser descoberto por mim. Uma formação profissional que, mesmo amada, foi esmaecendo com o passar do tempo – porque amor não paga as contas e era preciso (sobre)viver também.

Embora inicialmente meu interesse pela formação em Psicologia Corporal tenha sido exclusivamente pessoal, impulsionada pelo meu interesse cada vez maior pela yoga e pelo que me pareceu, de início, com aproximações entre ambas – não procurei pelo Raiz para um “aprimoramento profissional”, por exemplo – o desejo de entrelaçar minhas vivências e experiências ao longo dos três anos de Raiz a uma parte profissional em mim aparentemente adormecida (a psicóloga) foi ficando mais nítido, na medida em que fui me repensando também intérprete de Libras, também professora, também mulher adulta.

O desejo para o presente projeto de pesquisa, portanto, foi *tomando corpo* a partir do momento em que, ao mesmo tempo em que caminhava com a formação na Psicologia Corporal, sentia um desgaste profundo na minha atuação como professora universitária, cargo que ocupo há quase dez anos, e com o próprio espaço da universidade – sua lógica de funcionamento, sua dinâmica pouco empática, lúdica, criativa ou mesmo afetiva (ao menos nas minhas experiências).

Antes do meu trabalho como professora universitária, atuando na formação de tradutores/as e intérpretes de Libras, atuei durante também quase oito anos como psicóloga atendendo crianças surdas¹ e suas famílias em uma instituição sem fins lucrativos em uma cidade de médio porte do interior do estado de São Paulo. Esse trabalho começou quase que

¹ Neste trabalho, ao me referir às pessoas surdas, direi daquelas com perda auditiva profunda (congenita ou bastante precoce/gestacional) e que utilizam da língua de sinais para comunicação, e não das pessoas com deficiência auditiva, mas que se comunicam pelo português oral (oralizadas).

“acidentalmente”, já que me parecia ser algo passageiro, uma vez que eu não conhecia libras e iniciei um curso livre oferecido por uma faculdade particular como forma de continuar estudando, mas sem a pretensão de atuar na área. Eu precisava muito de um trabalho depois de quase dois anos de formada e ainda sem emprego, e estar nesse curso livre acabou me possibilitando conhecer uma outra língua (a língua brasileira de sinais - Libras), entrar em contato com a realidade das pessoas surdas (principalmente das crianças) e com seus dramas para se inserirem em um mundo de sons; seus dramas para existirem em suas famílias, no contexto escolar, para crescerem como jovens e adultos com autonomia, para *aparecerem*. Nesse sentido, empresto aqui o conceito de aparição como proposto por Renato Luz (2013, p.34):

Aparecer é ser sensivelmente reconhecido para além de atributos orgânicos, econômicos, étnicos, religiosos ou sexuais. É mais do que aparecer fisicamente. É aparecer simbolicamente, é transcender a matéria e os demais condicionantes. É ter a existência reconhecida, não só a presença corporal. [...] Há alma – no seu sentido psicológico – em um corpo quando há aparição ela está encarnada e demanda consideração delicada.

Para tentar promover a aparição das crianças que atendia, então, acabei sendo levada para uma especialização em Libras e Educação de Surdos, para uma segunda graduação em Pedagogia, para um mestrado e um doutorado em Educação, versando sobre as questões que envolvem o diagnóstico da surdez, a relação desse diagnóstico com as expectativas das famílias e dos profissionais da educação, principalmente, sobre os aspectos relacionados à Libras, à inclusão, ao movimento social surdo e às políticas linguísticas e educacionais que envolvem essa comunidade, à compreensão da diferença como um direito humano. Questões importantíssimas, sem dúvidas, mas que acabaram me afastando cada vez mais de um contexto clínico, no sentido mais individual, singular e, acho que posso dizer, mais próximo das crianças surdas e de seus medos, dramas, sonhos, dificuldades e desejos.

Já não me sentindo então “tão psicóloga”, presto o concurso público para docente na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) logo que defendo minha dissertação de mestrado, com a intenção de “fazer um concurso para saber como é”. Inesperadamente (para mim) fui sendo aprovada nas etapas do processo e, “quase sem querer”, sou aprovada, assumindo o cargo como professora efetiva em março de 2016. Sinceramente foi um susto, mas eu achei bom poder sair da cidade, daquele emprego, daquela vida (?) naquele momento para me lançar a outras... vidas.

Quantas vidas cabem numa vida?

Aqui falarei de uma delas, da minha vida mais recente, quando no meio de tudo isso me encontro com o Raiz – e com meus medos, dramas, sonhos, dificuldades e desejos. Esse encontro acaba sendo um pouco resumido nos itens que seguem: “*Escrita de Si*”, “*Garimpo*”, “*Raiz e Profissão*”, “*Capítulo do Grupo*”, e que compõem a parte I do trabalho (Exercícios).

Sim, falarei de mim, mesmo quando parecer estar falando (apenas) da criança surda, de sua mãe e da relação entre ambas, já na parte II do trabalho, em que apresento a pesquisa e como foi estabelecido o vínculo terapêutico do atendimento que me propus a fazer com uma criança surda, as estratégias de acolhimento linguístico/corporal adotadas e os exercícios inspirados principalmente pela bioenergética na intervenção).

Aparecer.

É preciso coragem para compreender as entrelinhas.

PARTE I – Exercícios

1.1 Escrita de si

São Carlos, 16 de março de 2024.

Começo uma carta que não se endereça apenas a uma pessoa – apenas à Susana, como a primeira carta para o Raiz – mas para esse grupo que, misteriosamente, foi compondo e recompondo a Janaína que estou hoje.

Eu procurei pelo Raiz porque precisava de um grupo, exatamente desse grupo. A sincronicidade deve ser um pouco isso. A vida e seus mistérios.

- Escrevo esses dois parágrafos e começo a chorar. Reconhecer e estar em paz com seus próprios dramas deve ser um pouco isso –

Fico pensando sobre essa escrita e sobre como fui vivendo esses últimos anos aqui com vocês. Quando cheguei, eu disse: “*Pensando sobre o que busco com o curso, sinto que procuro uma (re)conexão comigo para além desse sonho profissional de uma vida: além do trabalho, o que mais eu sou? Do que mais eu gosto? O que mais eu quero? As pessoas que não trabalham e não vivem nesse ambiente endurecido por pequenas disputas, pequenas vaidades, conduzidas pelo currículo lattes, veem o mundo de quais formas? Quais são outras possibilidades de sonhos, de relações, de parcerias, de cotidiano, de felicidade... de vida, afinal?*”.

Fico pensando que mesmo sem saberem, vocês foram me respondendo, a cada encontro, a cada lágrima, a cada gargalhada, sobre quais seriam essas outras possibilidades de parcerias, de cotidiano, de vida.

Quando cheguei, eu tinha uma desconfiança: *“Desejos e sentimentos que estão aqui, escondidos em algum lugar do meu corpo, eu acho. Gostaria de poder encontrá-los e ouvi-los e acho que agora (“e agora?”) é a hora”*.

E essa desconfiança foi se comprovando para mim, a cada *grounding* em que não conseguia manter os olhos abertos, a cada atividade em que eu não conseguia manter meus olhos abertos, na irritação de ter que seguir com os olhos aquela “merda” daquela lanterna, a cada berro do Cadu com aquela voz de monitor escolar na hora do recreio: “olhos abertoos!”. Eu sabia que era para mim e que estava difícil de ver.

- Paro para chorar mais um pouco, três minutos porque eu olhei no relógio. Ainda é difícil de ver algumas coisas, mas talvez sejam lágrimas também de felicidade por poder ter encontrado alguma coisa. A Susana disse que às vezes a gente chama de difícil o que, no fundo, é emocionante e eu gosto de poder me abrir para a emoção –

Eu não busquei pelo Raiz por questões profissionais, pelo contrário, acho que estava justamente tentando correr de questões profissionais. Depois de anos correndo (atrás de formação, emprego, grana, independência financeira, “atrás dos caras”), eu estava exausta de uma vida em cima dessa esteira sem fim. “Que delícia ter aulas em colchões, abraçada em almofadas, com uma cobertinha depois de tomar café com palitinhos de queijo” – eu pensei. Poder assistir uma aula descalça e de pernas pra cima. Descansar de verdade deve ser um pouco isso.

E embora a profissão não fosse o foco, talvez eu pudesse ser uma professora mais interessante e amorosa se eu permitisse que meus alunos e alunas também descansassem, também falassem de si, também se emocionassem dizendo do percurso para chegarem até ali, também caminhassem – eu estava fazendo isso aqui, como aluna, e achando muito bom.

Todo início de semestre, antes do TCC, então, falamos sobre a caminhada como metodologia de pesquisa e andamos pelo campus. “Colocar o corpo em campo” – eu digo para a turma, mas sei que estou dizendo em voz alta ali que é para eu escutar também. Eu sei que eu preciso botar meu corpo pra jogo, mas isso não digo pra eles, claro. Eles me acham um pouco doida, mas depois se empolgam, querem que eu seja a orientadora. Eles me querem e é bom poder reconhecer que eu gosto de ser querida.

E embora a profissão não fosse o foco, eu fiquei pensando sobre essa escolha profissional aparentemente tão acidental – sei lá como fui parar na tradução, fui estudar sobre surdez, fui *pensar sobre o silêncio*. Fui parar na mediação entre mundos. Fui intérprete, em um exercício absurdo de buscar entender para interpretar, proporcionar contato, relação, compreensão, ser voz.

De repente, escuto as vozes nas aulas, vozes da Susana dizendo: “precisamos traduzir, aprender a traduzir, conseguir traduzir...”. Se não tem palavra, o corpo traduz e precisamos aprender a interpretar. E ela não está falando de Libras aqui.

E eu me pego pensando no meu silêncio, na minha dificuldade de dizer, de interpretar, nos meus pontos cegos que precisam de tradução enquanto eu vou seguindo tentando traduzir os mundos. Talvez a escolha profissional não tenha sido tão acidental assim, meu corpo anda falando já faz um tempo, esse corpo suporte para que uma língua possa correr. Ao me traduzir, acho que eu quero voltar a traduzir mundos de uma forma diferente – será que posso ajudar famílias de crianças surdas a entenderem seus filhos, será que caibo como uma intérprete-terapeuta aí? O que cabe num corpo-palavra? Talvez um mundo inteiro, vai saber?

Eu sei, não era sobre profissão. Mas não era também sobre tanta coisa...

Meu nome é Janaina, ainda tudo é processo e eu demorei quarenta e dois anos para escrever essa carta, esse primeiro rascunho sobre mim.

Acho que ainda virão outras versões.

Acho.

1.2 Garimpo

O exercício de garimpo tem como objetivo apresentar a descrição do meu percurso durante a jornada no Raiz. Para realizá-lo, me utilizei basicamente das minhas anotações das aulas – do 1º, 2º e 3º ano – buscando relacionar a própria definição do que seja o ato de garimpar (como trago, inicialmente), com a minha atividade intensa de busca, reconhecimento e “extração” de afetos, potencialidades, dificuldades, medos, traumas, enfim, a minha busca pela cura durante a jornada do curso, que foi sendo lapidada e, de algum modo, registrada em meu caderno.

Garimpar é um ato artesanal, assim como a recuperação de si – e é desta forma que busquei desenvolver a tarefa que apresento a seguir, compreendendo que impurezas e joias preciosas estão juntas, misturadas, assim como nossas emoções - boas e ruins, medos e coragem, alegrias e tristezas, movimento e paralisia. Compreendendo que é preciso também

garimpar o corpo, de forma atenta e artesanal, em busca da cura, a joia que nos representa, que nos faz alegres, potentes, saudáveis. Compreendendo que a jornada pode ser entendida como um contínuo garimpo e que uma vida digna, saudável amorosa é uma joia que precisamos aprender a lapidar.

Garimpo: segundo a Wikipedia², é também chamado de **faiscação e cata** e é a denominação que se dá à atividade econômica de mineração de cunho artesanal. Consiste numa atividade extrativista — que pode ser rudimentar ou mecanizada — de substâncias minerais, como o ouro, diamantes ou outros tipos de minérios.

*

Garimpar, bater a bateia no fundo da poça, a lama, a pedra, o lodo, aquilo que enrosca e suja, e fere, a bateia no fundo da poça uma, duas, três, quatro vezes.

- *“Onde você estaria hoje se tivesse feito tudo que gostaria de ter feito?” (primeiro encontro).*

- *“É difícil sustentar a evolução” - Wilson Klain.*

- *“Doadores, cuidado com seus limites, porque os tomadores não respeitarão os limites (nem deles e nem os de ninguém) – Susana.*

- *“A gente se apaixona pelo nosso inferno” – Susana.*

*

Garimpar é um trabalho artesanal, assim como a recuperação de si.

“Toma aquilo que herdaste dos teus pais, transforma e faz teu” – Goethe (apropriação da identidade - diferenciação) – Wilson Klain.

“Quem está no Raiz é a pessoa responsável pela dinâmica saudável de sua família, do seu grupo, do seu trabalho, de suas relações” – Susana.

*

Garimpar exige força e resiliência, tempo para o encontro.

“Quanto mais eu me identifico com o meu caráter, mais resistente à terapia, porque percebo os questionamentos ao meu modo de funcionamento (caráter) como ameaças e destruição a mim” – Cláudio Mello Wagner.

“AMOR: a possibilidade de amor envolve a existência de dois, que envolve o aparecimento da diferença (e do ódio)” – Wilson Klain.

“AMOR: quando se é percebido!” (penso e anoto isso, na aula do Wilson Klain).

*

A bateia bate mais uma vez, os aprendizados delicados e essenciais pedem tempo para depuração – na peneira vem pedra dura, é preciso sentir reverência à vida.

“Trabalhar as resistências é propiciar que os conteúdos inconscientes apareçam” – Cláudio Mello Wagner.

“Rede de Resistências: conjunto e rede de resistências compõem o caráter da pessoa; o caráter é o jeito típico e automático de me relacionar” – Cláudio Mello Wagner.

² Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Garimpo> acesso em 15/02/2025.

“Quanto mais eu me identifico com o meu caráter, mais resistente à terapia, porque percebo os questionamentos ao meu modo de funcionamento (caráter) como ameaças e destruição a mim” – Cláudio Mello Wagner.

“A calma é irmã do simples e o simples resolve tudo” – Susana.

*

A bateia bate mais uma vez, é preciso tempo para olhar, pode ser que surja, dali a pedra que se procura.

“Se o corpo é cerca de 70 por cento líquido, somos mais maleáveis do que pensamos” – Sandra.

“Tudo com que entramos em contato provoca algo dentro da gente; emoção – etimologicamente significa movimento” – Sandra.

“Seja amiga das suas cicatrizes” – Susana.

“Minhas convicções representam muito mais as minhas defesas, o meu narcisismo. Sem transgressão não tem evolução” - Susana

“A hora que a gente percebe que está investindo no outro mais que ele mesmo, está na hora de parar” – Susana.

*

A pedra que se procura não virá pronta, reluzente. Será preciso lapidar.

“VITALIDADE: prazer de estar na vida!” – Zé Carlos.

“A recuperação de si é um trabalho artesanal. Os aprendizados delicados e essenciais pedem tempo para depuração” – Zé Carlos.

“CURAR-SE – RE conhecer – RE conectar-se – RE ligar-se” – Zé Carlos.

*

Kairós - Nascimento (01 de agosto de 2022)

- sobre nascer –

O meu medo era nascer,

Do ato, do fato, a situação.

Mas não: nascer aconteceu

Como acontece com todo mundo que nasce.

Para meu mais completo espanto,

Difícil mesmo foi abrir os olhos,

E ver.

Permanecer de olhos abertos – e ver.

Eis o grande desafio.

*

Garimpo, a pedra: é preciso lapidar.

1.3 Raiz e profissão

Professora homenageada Janaina Cabello.

“A você, que não mediu esforços, dedicando seu tempo, sua experiência e seu conhecimento para que nossa formação fosse também um aprendizado de vida...”

Recoloco a plaquinha da homenagem na estante.

Professora Janaina Cabello.

Professora. Doutora. Mestre. Especialista. Pedagoga. Intérprete de Libras. Educadora Social. Orientadora de Medida Socioeducativa. Psicóloga.

Psicóloga, eu?

Me peguei revisitando o caminho.

Revisitando o caminho e pensando sobre mim, “que não medi esforços”. Cheguei no Raiz exausta de tanto - de tanto - me esforçar.

Entendi, aqui, que talvez seja o tempo de caber, já está bom assim.

Meu nome é Janaina Cabello e eu quero ser... Janaina Cabello.

Estou professora. Estar é transitório, como uma profissão pode ser.

Aqui, entendi que existem muitas camadas – a profissão é uma delas. Muitas vezes é aquela que cola no corpo da gente quase se fazendo pele e, não sem esforço, é possível de tirar, feito uma roupa apertada que a gente tira quando chega em casa.

Que delícia ficar pelada em casa! – O Raiz fazendo a gente arrancar a roupa, aqui eu não sou professora não! Que delícia não ser “nada”, ser apenas: Jana.

Que bom aprender a dizer: “obrigada pelo convite, mas eu não quero participar”; “eu entendi o que você pretendeu com isso, mas eu continuo discordando”; “fico lisonjeada, mas não poderei participar da banca”; “nós vamos terminar a aula mais cedo porque está muito quente e eu não aguento mais falar”.

Que delícia pensar na profissão como um campo que a gente ocupa com o corpo. “Vamos andar pelo campus enquanto a gente pensa a pesquisa”.

Que delícia pensar na profissão como alguma coisa que a gente produz junto: “Nossa avaliação vai ser coletiva, cada um escreve um parágrafo complementando a ideia do outro”.

Que delícia dizer “eu darei o curso se eu for querida, porque eu não preciso, agora, provar nada para ninguém. Eu não trabalho para atacar e nem pra me defender. Tem um pouco do meu percurso no lattes... e se não for exatamente isso que esperam, tá tudo bem!”.

Talvez eu já pensasse sobre isso? Talvez sim, talvez não. Mas eu andava tão exausta!
Acho que o Raiz autoriza.

Psicóloga, eu?

Uma camada lá de trás, já meio abandonada (esquecida?).

Sim, psicóloga, ué? Com CRP e tudo. Por que não?

Que delícia colocar o tórax em campo!

“...você que nos ajudou a ver o mundo, fazendo-nos capazes de crer, ousar e criar” –
... diz na plaquinha da homenagem. Vai saber se o tórax, então, não estava sempre ali?

O Raiz, talvez, sejam novos óculos, então, ajudando a ver melhor.

“Quais recursos você adquiriu com o curso?” – é a pergunta.

Fico pensando, pensando, não sei exatamente se a palavra é essa, mas talvez tenha sido não ter medo da autenticidade de ser... Janaina Cabello. Entender que as outras coisas vêm depois, e tudo bem eu dar valor a cada uma das etapas dessa trajetória.

Está tudo bem eu ser doutora e me apresentar assim, porque eu batalhei muito e “não medi esforços” para isso. É preciso ser dito: “Dra. Janaina Cabello”, sem pudor. Mas no espaço, tempo e com as pessoas certas. Estou aprendendo.

É preciso ser dito também: “eu sou a Jana e durmo até meio dia”. O Raiz me ensinou a tirar a roupa também! Que delícia!

“Há algum projeto que você possa aplicar?” – outra pergunta.

Psicóloga, eu?

Que delícia crer, ousar e criar – já estava na plaquinha.

O Raiz realmente ajuda a ver melhor.

É preciso aprender a medir esforços.

1.4 Capítulo do grupo.



Início: um grupo, para ser grupo, precisa estar inteiro.

“Se nos encontramos aqui,
foi porque o Universo tem um plano comum para todos nós.
Se nos encontramos aqui,
foi porque estamos sintonizados uns com os outros.
Se nos encontramos aqui,
foi porque queríamos cuidar de nossas raízes
para crescer, florescer e frutificar.
Obrigado por compartilhar de momentos tão significativos conosco.
Então, no encerramento desse ciclo de aprendizagem,
desejamos que sua terra seja fértil,
que suas raízes se aprofundem cada vez mais,
que você floresça, dê frutos saborosos
e espalhe sementes vigorosas ao seu redor e que,
juntos, cultivemos uma floresta de muito amor,
compreensão, acolhimento, saúde e felicidade.
Boa jornada.
Abraços.

Ana Paula, Angelica, Augusto, Janaina, Kelen, Lais, Ligia, Liz, Monica, Roberta e Rute”.

Mensagem escrita pela Rute, em novembro de 2022, para homenagear a turma do terceiro ano que se formava naquele ano.

Nossa eterna amizade.

Quando eu penso na turma do terceiro ano de 2024 eu penso na palavra:

AMOR

Você acredita em amor à primeira vista? Eu não. Mas já acreditei.

Hoje penso que o amor à primeira vista não passa de uma ilusão. À primeira vista, a gente ama histórias que a gente inventa sobre o outro e quase nunca elas são reais.

Eu não amava essas pessoas quando as encontrei. Quando nos conhecemos, o que percebi mesmo foi o quanto éramos diferentes. Em idade, em formação, em profissão, em trajetória, em gostos... Pouca coisa parecia nos unir.

Tivemos a oportunidade de imaginar histórias sobre cada um de nós e depois tivemos a oportunidade de desimaginá-las.

Funcionamos por um tempo como um aglomerado de pessoas e não um grupo. Talvez como um aglomerado de células que se multiplicam de forma aparentemente caótica num embrião, antes de virar feto.

A Susana às vezes fala sobre a existência de uma inteligência da vida. Algo que, de alguma forma, guia e organiza tudo. Então, aos poucos fomos nos conhecendo. Fomos nos abrindo, nos entregando, nos mostrando vulneráveis. Fomos virando grupo. Fomos construindo esse amor. Essa cola que nos une. Fui me emocionando com cada história contada ou revelada. Fui me sentindo parte. Fui me reconhecendo tantas e tantas vezes. Havia e há um pouquinho da minha história em cada um. Fui me apaixonando. Fui entendendo que, quando você tem a oportunidade de conhecer verdadeiramente alguém e a sua história, é impossível não se apaixonar. E isso me faz pensar que então eu posso amar cada pessoa que cruza o meu caminho.

Todas essas pessoas carregam dor, superação, medo, ansiedade, raiva... E também alegria, leveza, vontade de viver, de partilhar e estar junto.

Penso que fizemos e ainda estamos fazendo uma linda jornada. Sinto um prazer e um orgulho imenso de compartilhar esse pedacinho da vida com essas pessoas que se tornaram tão queridas.

Reich fala sobre habitar o tórax. Sobre se abrir para o sentir. Sobre flexibilizar as couraças. Sobre deixar a vida pulsar no seu ritmo.

Eu, que sinto tanto e tanta dificuldade tenho em deixar fluir... Que perguntei como abrir as comportas das emoções represadas sem destruir tudo... Que sonho em estabelecer relações mais pautadas pelo amor que pelo medo... Olha só! Cheguei até aqui com vocês. Amando e amando tanto. E amando mais, verdadeiramente, a cada dia. Acolhendo e sendo acolhida.

É muito boa a sensação de um coração que cresce e que ainda tem tanto espaço.

Não teria outra palavra para falar da gente senão AMOR.

Por Lígia de Souza.

RESSIGNIFICAR

Ressignificar o Amor, aprender com o grupo que o Amor tem que ser para o outro, todos os dias, todos os momentos, e não um amor narcísico, de tentar estar em um grupo para satisfazer os próprios desejos. Aprendi a escutar esse grupo, coisa complicada, ficar em silêncio, ouvir o silêncio de dentro da alma, abrindo vazios, expulsando as idéias, à espera do pensamento essencial. Na espera do pensamento, ouvimos a música que nos faz chorar de tão linda, ficar perto de quem sabe tirar a melhor música de você. Amizade é isso, grupo é isso.

Por Liz Reis.

APRENDENDO COM CADA ‘UM’ de ‘NÓS’

O que me marca muito nesse grupo é como a história do outro, toca na minha história e nas nossas histórias, quantas vivências em grupo de movimento, em toques, em apreendendo nos atendimentos, em conversas no café... quantos encontros profundos...

Augusto nos toca quando conta, com sua história, como um Homem precisa de um olhar de compreensão na sua fala e nos seus gestos.

Ana Paula, quando nos brinda com “o brincar de viver”, nos traz a sabedoria do diga Sim a sua imaginação, a arte de sorrir cada vez que o mundo diz Não.

Janaina, já disse a que veio... seu caderno de anotações, percepções, observações, transforma em fala, escrita com precisão e poesia os mais profundos sentimentos do que vivemos e, às vezes, não conseguimos dizer.

Kelen, com seu olhar atento, muitas vezes complementando a teoria trazendo sua percepção, sensação e nos ajudando na compreensão dos temas.

Lais, com suas “pausas”, nos mostra que é necessário não brigar com a necessidade do descanso, fundamental para o “despertar” de um novo ciclo cheio de energia e sonhos.

Ligia, com sua poesia e arte, nos convida a ver que está para além do óbvio, nosso dia a dia, tem muito, amor, romance, suspense, drama e tantas coisas mais, onde podemos escolher entre atuar ou protagonizar nossa própria história.

Liz, nos mostra que podemos ser mais amorosos e compreensivos (com a gente mesmo) conosco e assim podemos também ser melhores para o outro e nos tornarmos mais leves para nossa “dança ciranda” da vida.

Mônica, quanto a sua quietude nos faz refletir sobre a coragem de acessar nossas memórias mais profundas e, a partir desse mergulho, acessar a cura para nossas dores.

Roberta, sua curiosidade, indignação, alegria, estabamento (risos...), nos traz empatia, ressonância de como é gostoso ser quem a gente realmente é e ter um grupo que nos acolhe.

Rute... nossa, minha companheira de quarto, de vivências, de corpos, de toques fortes, de acolhimentos e ensinamentos, de que não precisamos ter vergonha de nos mostrar como somos, da coragem de viver tudo que pode ser vivido e, mesmo não estando mais fisicamente presente entre nós, se faz presente no exemplo de sua entrega a cada encontro.

Por Angelica Rovere.

ALEGRIA

A alegria que sinto quando estou com a minha turma é indescritível. Cada risada compartilhada, cada piada interna, cada tombo, cada momento de companheirismo reforça o laço que nos une.

Estar com a minha turma é muito mais do que estar com amigos; é estar em família, uma família que escolhi e que me escolheu. Juntos, enfrentamos desafios, celebramos as vitórias e, o mais importante, nos curamos juntos. Essa união nos dá força e traz uma sensação de pertencimento.

Não importa quão difícil a jornada tenha sido, sei que, ao me reunir com vocês, tudo fica mais leve. É essa conexão profunda, essa troca sincera de experiências e sentimentos, que colore a vida de uma forma tão especial, tornando-a mais feliz, mais plena, mais nossa.

Por Roberta Köhler.

MOSAICO

A gente, a vida, o grupo, - para mim é um pouco assim - a palavra: mosaico.
Feito de caco e muito lindo.

Por Jana Cabello.

CORAGEM

Estar neste curso e fazer parte deste grupo representa, para mim, coragem. De decidir conhecer o novo, pois se tem certeza de que o velho não cabe mais. De encarar, como nunca antes, as armaduras de aço e as muralhas que construímos com nossas narrativas, histórias e trajetórias de vida que se interconectam.

A vida e sua inteligência as entrelaçou e uniu num campo que potencializa essa mesma... coragem! De derrubar os muros e fazer as armaduras em pedaços para, então, fazer uma composição linda e flexível o bastante para ousarmos.

Ousarmos nos colocar nas sombras e vulnerabilidades mais profundas expressas nos corpos, nas vozes, nos silêncios. Ousamos derramar as lágrimas e entregar as peles e as vísceras uns aos outros, deixar sair a emoção represada. Desenhar desenhos de criança, ralar, reclamar, esbravejar até que sai o grito de dor, o choro de agonia, que podem então conviver com olhares bem direcionados, danças que não pudemos dançar, palavras sinceras sobre temas profundos das nossas vidas todas.

Dar-se conta dos seres humanos que somos e dos multiversos que habitamos num mundo só. E, aí, sermos carne, osso, mente, emoção... de alma no corpo... de nos permitirmos viver e nos representar a partir do núcleo que atravessa todas as roupagens de que precisamos a cada dia. Com prazer, leveza, fluidez e, ao mesmo tempo, contorno e pés firmes no chão. Cientes do desafio: o lugar da saúde nas relações e nos encontros. Coragem para caminhar renovadas e renovado. Atravessar a rigidez, fortalecer nossas estruturas e o espaço para a vida pulsar no tórax.

Por Augusto.

DESNU(dar-se)

Tirar a roupa e se exhibir exige coragem, ainda mais para um grupo de onze pessoas. Tem que sair do casulo, retirar camadas que nos escondem tão bem.

Cada “peça” que cai expõe nossas verdades, os segredos, a vergonha, nossos pensamentos rudimentares, fraquezas que estavam escondidas de nós mesmos.

E foi assim que aconteceu!

Depois de desnudos ficamos na pele e no pelo, acessamos nossas forças, os dentes de gato, o perdão, a compreensão de nosso funcionamento.

No início uma era a Paula das Joias, a outra a Odete Diretora de Escola e teve a Patrícia Madame (justo eu) e com o tempo e, em grupo, nos tornamos todos Os Raizeiros!
Por Kelen.

COMPARTILHAR SENTIMENTOS

Sobre o grupo: compartilhar sentimentos é um aspecto fundamental para fortalecer conexões e promover compreensão mútua. Quando você expressa o que está sentindo, isso pode ajudar a aliviar o peso emocional e permitir que os outros vejam uma parte mais íntima de você. Além disso, ao ouvir os sentimentos dos outros, você demonstra empatia e apoio, o que pode fortalecer relacionamentos e promover um ambiente mais solidário e compreensivo.

É a capacidade de entender e compartilhar os sentimentos e emoções do outro, estabelecendo uma comunicação emocional autêntica e significativa.

Por Mônica.

DESCOBERTA

Quando a Tati me falou sobre o Raiz, numa conversa informal, dizendo “acho que você gostaria de fazer o curso do Raiz”, eu me interessei na hora, mas de uma forma curiosa e superficial, de um jeito profissional, pensando... “nossa, vai agregar para o trabalho, etc”...

Na primeira semana do raiz eu estava participando de uma corrida e a Suzana ou Cadu, não me lembro, enviaram uma mensagem me dizendo como seria importante a primeira semana, mas, como era uma prova de corrida em grupo, não poderia deixar de ir. Mas pensei... “acha... depois eu pego o caderno de algum colega (Jana..mas não sabia na época) e pronto!”

Daí, vindo no próximo encontro, começou a descoberta. Como sinto não ter vindo nesse primeiro encontro onde todos foram descobertos/imaginados/fantasiados... Conseguimos reproduzir no segundo encontro mas não foi como no primeiro.

Mas desde a minha primeira acolhida neste grupo/irmão em que, mesmo não nos vendo ou falando diariamente, sabemos: precisou? É só ligar, daremos um jeito! Passamos por tudo: pandemia, luto, casamento, gravidez... a vida se renovando e se despedindo...

Descoberta de quem somos, de quem éramos, de como um grupo pode ser terapêutico e rede de apoio, de intimidade suficiente para dizer (revelar) o que não tínhamos coragem de dizer a nós mesmos em frente a um espelho.

Descoberta ... descobrindo... desnudando... revelando...

Por Ana Paula.

ENCONTRO

A vida é feita de encontros... os ao acaso, os planejados, os primeiros, os de despedida. Não é à toa que a gente se encontrou aqui. Alguma coisa em nós nos chamou, e assim tinha que ser.

Nosso grupo começou a ser costurado antes mesmo de nos conhecermos, com o encontro de cada um de nós com a Su. E assim foi montado nosso grupo, ou pelo menos aquele aglomerado de células, de pessoas, de histórias.

Foi o tempo que nos transformou em um grupo. Foi o tempo que nos deu coragem para compartilhar nossas histórias, para expor nossas alegrias e tristezas, para que pudéssemos então ressignificá-las.

E foi o tempo também que nos fez quebrar. Que nos obrigou a virar caco, e aí precisar do grupo para se juntar. E foi a vida, no seu tempo, que nos fez descobrir que mesmo quebrados, que mesmo que pareça que nos falta uma parte, conseguimos seguir.

Podemos nos desencontrar um dia. Podemos cada um seguir seu caminho. Mas as marcas desse grupo estão eternamente carimbadas em nossos corações. Nosso grupo, mais que nenhum outro, sabe que mesmo na falta se faz presente. Que os encontros são de alma, são da vida e pra vida.

De todas as palavras do grupo, só me faltou falar de desnudar-se. Mas sinto que essa já está carimbada em cada um de nós. Pois se tem uma coisa que nos foi ensinado é ficarmos nus. Colocar a vida (pra não dizer bunda) pra fora e aproveitá-la enquanto estamos aqui. Pois se tem algo que não volta, é o tempo.

E que bom que nos encontramos aqui.

Por Laís.

PARTE II - A pesquisa

2. A clínica psicanalítica/corporal com pessoas surdas: possibilidades

Historicamente, a Psicologia vem se constituindo como um campo de saber que atua a partir de práticas reparativas/de reabilitação junto às pessoas surdas, ou seja, em uma concepção bastante voltada à medicalização e reparação de um “ouvido que não funciona” ou de um “corpo quebrado”. Aliançada a outras áreas de conhecimento (tais como a Fonoaudiologia), os atendimentos psicológicos foram se constituindo como atendimentos clínicos de reparação e assujeitamento das pessoas surdas que, numa perspectiva de

reabilitação, tratam essas pessoas como “doentes” e, portanto, precisam de uma “cura” – a reabilitação auditiva com o uso de aparelhos auditivos³, oralização⁴ e, mais recentemente, o implante coclear⁵.

No contexto familiar, por sua vez, essa prática reparativa dominante nos campos *psi* frequentemente parece negar a

[...] existência de uma realidade interior [nas famílias] que demanda um tipo de cuidado humano e sensível que seja capaz de cultivar singularidade e respeite o tempo único de constituição de si, baseado no fortalecimento do vínculo emocional entre cuidadores e seus bebês/crianças [surdas] (LUZ, 2013, p. 27).

Luz (2010) ainda afirma que, nas relações familiares entre crianças surdas e pais/cuidadores ouvintes, existe uma questão vital e delicadíssima que é a invisibilidade dos sofrimentos do filho surdo, uma vez que a surdez comumente é compreendida, nos moldes do atendimento clínico, com vistas à reparação, como uma questão meramente técnica e não como um processo *outro* de constituição subjetiva (que se estabelece prioritariamente pela visão), uma vez que a surdez congênita ou adquirida nos primeiros meses impede o bebê de escutar a voz materna, impede-o de se inserir na linguagem no mesmo momento e do mesmo modo que se insere uma criança ouvinte. Desse modo, é de se pensar que a falta da audição necessariamente deixa marcas na constituição subjetiva do bebê surdo (SOLÉ, 2005, p. 21).

Voltando para minha atuação como psicóloga junto a essas crianças e famílias, não posso deixar de considerar que, embora defenda a surdez como uma diferença constitutiva de identidade e subjetividade forjadas a partir de uma língua visual-gestual (mais do que uma deficiência ou um “corpo que não funciona”), muitas vezes no momento da minha prática profissional como psicóloga, minha atuação estava mais atenta ou às necessidades dos pais ou cuidadores (no sentido de acolhê-los diante da perda da criança desejada e no suporte para o período de luto daquela família), ou às necessidades da escola e do ambiente educacional daquelas crianças – em como fazer os processos de inclusão educacional formando professoras, intérpretes de Libras, acalmando os ânimos de gestões, direções, secretarias e diretorias de ensino que tentavam (muitas vezes “empurradas” pela lei) realizar as adaptações curriculares para que as crianças surdas pudessem aprender. Nesse cenário, reconheço que, muitas vezes,

³ Conhecido como AASI – Aparelho de Amplificação Sonora Individual.

⁴ Concepção metodológica que defende a integração do surdo à sociedade por meio do treino intenso da fala e da leitura labial e do treino auditivo. Acredita que o surdo só poderia aprender, desenvolver-se intelectual e linguisticamente através da língua oral.

⁵ Implante coclear (IC): prótese eletrônica, inserida através de procedimento cirúrgico, que serve para ajudar as pessoas a ouvirem. Ele funciona transformando sons em estímulos elétricos que são enviados diretamente ao nervo auditivo. Isso significa que ele substitui parcialmente as células danificadas da cóclea.

posso ter deixado as crianças à margem do processo de *escuta* clínica: eu acabava perdendo a *escuta* de seus medos, angústias e de suas reais necessidades ao não me propor pensar “*como*” as crianças surdas tentavam se colocar no mundo, independente das línguas em circulação (Libras ou Língua Portuguesa). Em uma abordagem clínica mais voltada ao desenvolvimento linguístico, me colocava de fato ainda distante a essa constituição subjetiva tão específica, no bojo do que afirma Stanley Keleman, quando avisa que “a cultura havia tornado o corpo inferior à mente, os sentimentos menores que a razão” (KELEMAN, 1994, p. 13).

Hoje, com a formação em Psicologia Corporal e considerando outros aspectos a respeito do desenvolvimento psíquico e em nossos diferentes modos de nos constituirmos subjetivamente – intraútero e a partir das nossas relações na primeira infância discutidas por Wilhem Reich e vivenciadas também por mim, em meu corpo – tendo a acreditar que é possível dar um suporte clínico a essas crianças (e famílias) a partir de outro lugar, em um compromisso que me (im)põe uma nova *escuta*. Uma *escuta* com o corpo todo e que não negligencia nossa realidade emocional e a fonte de nossa autonutrição, que são nossos corpos (KELEMAN, 1994).

Maria Cristina Solé afirma em sua obra “*O sujeito surdo e a Psicanálise: uma outra via de escuta*” (2005, p. 13): “nada me parecia mais estranho do que pensar a clínica psicanalítica com sujeitos surdos. Trabalhar sem a fala em uma técnica que foi criada justamente por meio dela é hilário e, ao mesmo tempo, desafiador”. Isso porque, segundo a autora, a constituição subjetiva e a *escuta* psicanalítica de pessoas surdas são ainda pouco estudadas, uma vez que as pessoas surdas sinalizantes (que se comunicam por língua de sinais) ainda são atendidas por terapeutas que não sabem Libras.

Solé (2005, p. 29) traz questionamentos que me incentivaram também a pensar a respeito: “Perguntas como ‘que consequências este tipo de atendimento clínico pode acarretar e que especificidades podemos encontrar na *escuta* clínica dos usuários desta língua?’ e ‘como se estabeleceria a transferência no caso em que o analista é ouvinte e o paciente surdo?’ ficam sem respostas” (SOLÉ, 2005, p. 29).

Nesse sentido, sabendo que a surdez congênita ou adquirida de forma muito prematura impede o bebê de escutar a voz materna e o impede de se inserir na linguagem no mesmo momento e do mesmo modo que os bebês ouvintes, é de se pensar sobre as consequências à sua constituição subjetiva e, ainda, como essas consequências se manifestam na clínica psicanalítica.

Isso porque “porta-voz” é a função atribuída ao discurso da mãe na estruturação da psique do bebê. É por meio daquilo que seria a voz da mãe que o bebê é incluído, desde seu

nascimento, em um discurso que o acalenta, prediz e comenta suas manifestações” (SOLÉ, 2005, p. 121). Nessa direção, a autora ainda afirma que não se trata apenas da manifestação sonora da fala mãe, mas do discurso da mãe, que pode ser manifestado pela voz-som e por outras vias, embora a falta da escuta da voz da mãe seja um obstáculo à inserção do sujeito em uma língua e traga como consequência a dificuldade de inserção no simbólico. Ainda de acordo com Solé (2005, p. 122), “só é metabolizado pela psique do bebê aquilo que o discurso da mãe dotou de um sentido testemunho por sua nomeação, em outras palavras, for significado pelo discurso materno”.

Pensando no período gestacional de um bebê que já nasce surdo (por complicações durante o período gestacional, adoecimento materno⁶ ou mesmo prematuridade), podemos ainda considerar as implicações para seu desenvolvimento - físico, emocional e energético – quando levamos em conta, como explica Federico Navarro (1996) que a psique, desde o período fetal, já pode ter um desenvolvimento fisiológico alterado por estresses intrauterinos, que atuam de formas diferentes na composição do indivíduo.

Nesse cenário, proponho uma reflexão sobre como o “não ouvir” intraútero pode ficar marcado no corpo, implicando em um determinado tipo de encorajamento (ou seja, em certas formas de “proteção”, de anteparo para proteção da vida) que poderiam se formar na vida extra útero, a partir do temperamento do bebê e da qualidade das relações que esse bebê estabelece, fundamentalmente, com a mãe (ouvinte). Se, nesse caso, a qualidade das relações mãe-bebê dependerá de uma forma de comunicação fortemente visual, o que poderia acontecer a um bebê surdo (dependente principalmente da visualidade para sua constituição psíquica/subjetiva) que não é visto, não é olhado – ou, ainda, é olhado com certo estranhamento e repulsa pelos pais, justamente por sua diferença (ser surdo)?

Assim, assumindo a surdez como uma surpresa para os pais que, comumente se *calam* diante do diagnóstico, discutirei algumas consequências possíveis desse *silêncio* entre mãe/bebê que pode oscilar entre um “quase abandono” e “absoluto protecionismo”, ambos impedindo uma posição subjetiva da criança que ultrapasse a posição de objeto.

Nessa direção, serão descritas algumas *cenas* de um atendimento clínico que aconteceu semanalmente ao longo de seis meses no ano de 2024, com o objetivo de apresentar como foi estabelecido o vínculo terapêutico, as estratégias de acolhimento linguístico/corporal adotadas e os exercícios inspirados principalmente pela bioenergética que foram apresentados

⁶ Muitos bebês que nascem surdos têm seu desenvolvimento intrauterino comprometido em relação à audição em consequência de rubéola materna, por exemplo.

à criança surda com o objetivo inicial de promover maior autoconsciência (se perceber), auto possessão (ter posse de si mesmo/autocontrole) e auto expressão (capacidade de se expressar de forma consciente).

Os objetivos iniciais foram inicialmente *pensados* a partir do que foi relatado pela mãe, de que a criança precisava de acompanhamento por não conseguir “separar a fantasia do real”, ser “ansiosa e agressiva” e “não ter limites”. Contudo, os objetivos foram posteriormente *sentidos* quando conheci Gabriel⁷ e já estava afetada pelo que diz Keleman (1994, p. 22), quando acena que “temos a capacidade de ter muitas vidas no curso de nossa vida [...] temos um corpo racional e não-racional. Quando somos capazes de experienciar nossas vidas dessa maneira, podemos começar a apreciar o milagre da vida de nosso corpo, de nosso processo biológico”.

Era, então, hora de colocar meu corpo (meu tórax) em campo.

3. Percurso Metodológico:

3.1 A criança:

Gabriel: 10 anos, surdez moderada/severa neurossensorial bilateral, falante de Libras; muito prematuro (seis meses, em consequência de um quadro de pressão alta da mãe). Um menino alto, bastante magro, franzino, braços alongados, e com aparência “pálida”. Olhos grandes e claros, uma criança “andrógina”. A mãe chegou a relatar que, na escola, as crianças menores chegavam a confundir se Gabriel era “menino ou menina”.

Em atendimento inicial com a mãe, foi relatada uma prematuridade extrema, consequência de um quadro de pressão alta da mãe, que relata que foi ao hospital por estar sentindo “dor de estômago” e “não saiu mais”, já que foi internada imediatamente para fazer acompanhamento da pressão arterial. A mãe relata que, na mesma noite, precisou ser encaminhada ao centro cirúrgico, pois ambos (ela e a criança) corriam risco de morrer. O marido não pôde acompanhar o parto, que aconteceu de forma bastante tensa. “Espirrou sangue por todo o centro cirúrgico” – foi o que relatou a mãe.

Como Gabriel nasceu muito prematuro (não havia completado seis meses de gestação), ficou na UTI neonatal, sendo que a mãe só pode pegá-lo no colo 45 dias depois do nascimento. Gabriel permaneceu esse período na incubadora, “era furado o tempo todo” – a mãe conta, ao se referir à medicação que Gabriel precisou receber durante esse período.

⁷ Nome fictício. Ou, como descobri em outro momento, o nome com o qual eu o batizei.

Na conversa com a mãe ela relata que o pai de Gabriel ficou “em choque” quando o viu pela primeira vez: “ele não tinha cílios, não tinha unhas, era minúsculo e vermelho, *parecia um rato*”.

- Principais “queixas” trazidas pela mãe ao procurar o atendimento psicológico:
- Agressividade;
- Hiperatividade;
- Dificuldade de concentração e aprendizagem;
- Dificuldades de separar o imaginário do real;
- Dificuldades de compreender regras e limites.

3.2 Os atendimentos: estudo de caso

O atendimento clínico aconteceu entre janeiro e julho de 2024 em consultório particular, numa cidade no interior de São Paulo, em sala cedida pela fonoaudióloga bilíngue que já atendia a criança. A sala dispunha de tapete emborrachado, almofadas, cobertor, dois banquinhos estilo *puff*, além de brinquedos (jogos, lego, bonecos e bonecas) e um baú com roupas e fantasias.

Os atendimentos com Gabriel eram semanais, sendo que os atendimentos familiares que aconteceram durante o período – tanto a anamnese como devolutiva – foram realizados sempre com a mãe – exceto em uma sessão, em que pedi que o pai também comparecesse. O pai de Gabriel o levou para o atendimento apenas uma vez, sendo que todas as outras vezes quem o levava era a mãe. Também foi realizada uma visita à escola de Gabriel, já que as professoras entraram em contato assim que souberam, pela mãe, que Gabriel estava passando por atendimento psicológico.

Ao longo dos atendimentos foram realizados três encontros para supervisão do caso⁸.

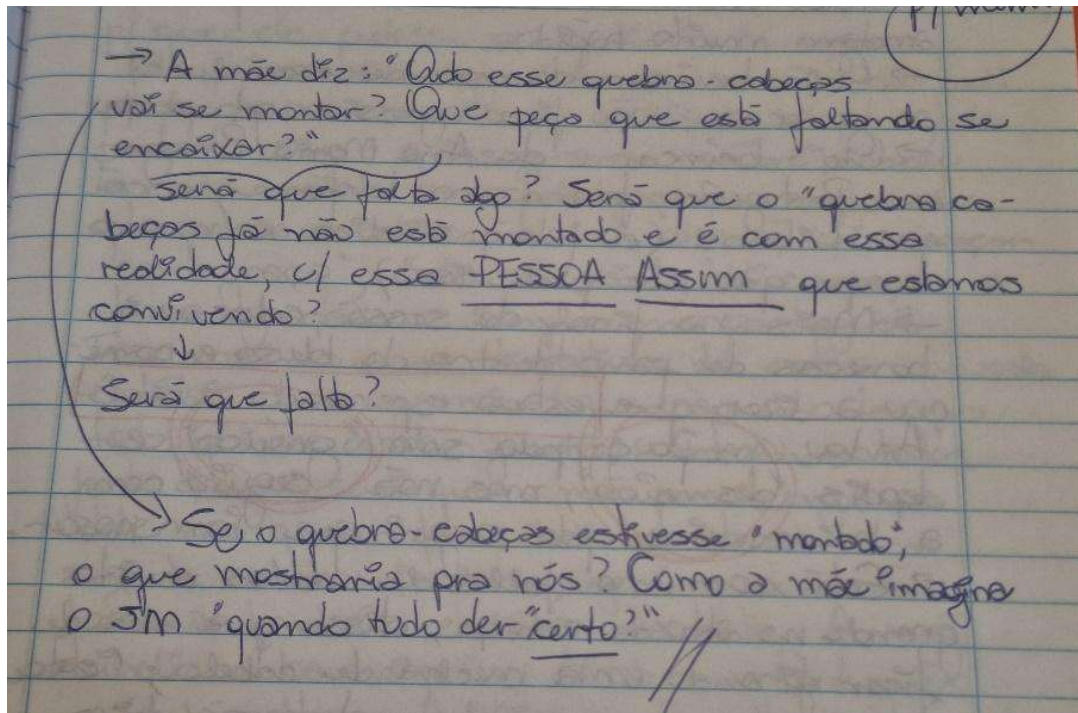
3.3 O caderno de campo

As anotações em caderno de campo foram adotadas como um recurso metodológico para o registro das percepções e intervenções realizadas ao longo do semestre, mas também daquilo que foi sendo observado no corpo de Gabriel, seu estado emocional ao chegar e ao sair dos atendimentos, além de frases e gestos ditos/feitos por ele. Também anotei no caderno de campo pensamentos, sentimentos e percepções sobre mim após o término de cada sessão.

⁸ Os encontros de supervisão foram realizados de forma remota, com a Fabiana, responsável no Instituto Raiz pelo acompanhamento e supervisão dos trabalhos de conclusão de curso.

Abaixo, um excerto do caderno de campo, exemplificando o que um comentário da mãe produziu em mim, em termos de pensamentos e sentimentos:

Figura 1: Imagem com um excerto do caderno de campo elaborado durante os atendimentos.



Fonte: elaborado pela autora.

3.4 A cena como dispositivo metodológico:

Neste trabalho, adoro a *cena* como um dispositivo metodológico derivado, entre outras fontes, da linguagem cinematográfica, literária e científica. De acordo com Renato Luz (2013, p.82), a cena é

uma ferramenta narrativa de cunho analítico, por escrito, breve, imagética e não ficcional composta por um autor, acontecimentos singulares em situação, personagens e interlocutores/leitores[...]. Não há cena antes do trabalho criativo e afetivo do autor a partir de algum encontro com pessoas. E uma cena só cumpre seu destino quando encontra interlocutores.

Escolher trabalhar com o recurso da cena me auxiliou a trazer para o trabalho alguns momentos vividos durante o atendimento e que tiveram maior impacto sobre mim – seja pela percepção de alguma mudança em Gabriel, seja por aquilo que estava sendo experienciado por nós dois, em interação, reverberava também em mim – me fazendo ficar brava, irritada,

comovida, frustrada, alegre, esperançosa, triste, cansada. As cenas apresentadas aqui, portanto, foram os momentos em que mais senti *meu corpo em campo* – me fazendo interlocutora efetiva de Gabriel. Ou seja, as cenas aqui retratam alguns *closets* do processo de transferência vivido durante o atendimento de Gabriel, compreendendo que “a dinâmica transferencial permeia as relações humanas, sejam estas relações entre terapeuta e paciente, fornecedor e cliente, marido e mulher, professor e aluno etc” (WAGNER, 2022, p. 98).

Ainda de acordo com Wagner (2022), a “cura psicanalítica” depende da “cura da transferência”, o que nos leva a compreender que o tratamento psicanalítico incide sobre a análise da transferência. O autor pontua que “a transferência (e sua análise e elaboração) é o pivô-mestre do tratamento psicanalítico [...] é o terreno em que se joga a problemática do tratamento” (WAGNER, 2022, p. 99).

As cenas recortadas do meu caderno de campo, então, buscaram ilustrar o campo transferencial estabelecido entre mim e Gabriel, na relação que construímos como terapeuta e paciente – a partir, também, do que foi aparecendo como a “minha” transferência, ou seja, as contratransferências. A esse respeito, Wagner (2022, p. 101-102) assinala que “o decisivo (e distintivo da escuta psicanalítica) é que o terapeuta esteja atento a essas manifestações e incida o trabalho interpretativo sobre elas”.

As minhas tentativas de trabalho interpretativo acerca das cenas registradas em caderno de campo, bem como os recursos da Psicologia Corporal/Análise Bioenergética que inspiraram a atuação terapêutica a partir do meu exercício de interpretação da dinâmica transferencial, são apresentadas a seguir.

4. As Cenas: a chegada e a fúria

“Ele escolheu começar brincando com os bonecos e a primeira boneca que ele escolheu foi a Barbie. Os outros bonecos eram um grupo de amigos que começava a brincar de esconde-esconde. Quando a Barbie (ele) perdia, ficava muito bravo; a Barbie ficava muito brava e brigava com as outras bonecas. Quando a outra boneca ganhou a brincadeira (eu), se irritou muito e a Barbie começou a bater violentamente em todas as outras bonecas, fazendo com que elas voassem pela sala. Disse que era “muito forte”, e que as bonecas estavam até sangrando. Toda vez que era dito na brincadeira sobre ter machucado a boneca, ele ria e perguntava se era “forte”. Em determinado momento da brincadeira as narrativas desapareciam, só ficava uma “fúria” – ele batendo com muita força em todas as bonecas com a Barbie até ficar exausto”. Quando a cabeça de um boneco quebrou, ele parou assustado (pareceu “volta a si”), olhou para mim e fez o sinal de “*desculpa*” e perguntou “*como conserta*”? Pediu desculpas outras vezes e perguntou *se eu estava brava*”.

Fonte: anotações do caderno de campo.

Nos primeiros atendimentos, Gabriel repetiu insistentemente esse tipo de brincadeira, sempre escolhendo as mesmas bonecas e bonecos e sempre iniciando uma “briga” entre eles, que durava quase toda a sessão e que ele não conseguia explicar – dizendo por que eles estavam brigando, por exemplo. Em determinados momentos, olhava para mim e perguntava se estava batendo “forte ou fraco”. Insistiu muitas vezes nesse ponto da intensidade e me pareceu que não tinha muito essa percepção de intensidade – intensidade da sua força, de seus movimentos, de seus sentimentos. Depois dos acessos de fúria entre as bonecas, era comum ele perguntar se eu estava brava e pedir desculpas, acariciando as bonecas.

4.1 A Psicoterapia Corporal: Análise Bioenergética e a Biossíntese

Considerando que os procedimentos e as técnicas são disparadores emocionais que “servem para ajudar o paciente a entrar em contato consigo mesmo, com suas emoções, suas dificuldades (resistências)” (WAGNER, 2022, p. 81), nos episódios em que Gabriel brincava com fúria, fui tentando compreender o que aquela agressividade – tanto em seus movimentos, como em seu corpo agitado e sua sinalização “tumultuada” em Libras – estava tentando me dizer (mais do que os próprios sinais ditos em Libras).

Assim, fui tentando compreender qual era o pedido feito por Gabriel ali. Se na Bioenergética compreendemos que as emoções que estão guardadas em nós precisam ser expressas (num movimento de sentir e pensar), o que as brigas furiosas entre as bonecas estavam tentando dizer? Quando as primeiras brigas e explosões de fúria surgiram, senti que embora eu me sentisse preocupada (tinha receio que ele se machucasse ou mesmo me machucasse), precisava deixar aquilo acontecer daquele modo, com muita raiva. Cheguei a pensar que eu também sentiria muita raiva se não pudesse ser eu mesma na maior parte do tempo, manifestar minha própria língua e meu próprio jeito de ser, não tendo minha autenticidade sequer vista.

Muitas pessoas têm dificuldades de expressão e integração da raiva – que pode ser compreendida como uma defesa frente aos insultos da vida (sejam esses insultos emocionais ou físicos/biológicos, como suponho ser a prematuridade, a surdez e os modos como esse diagnóstico foi sendo mais ou menos acolhido pelos pais, no caso de Gabriel⁹).

⁹ E, no meu caso (como sugerido pela contratransferência), por outros motivos que não cabem nesse trabalho, mas que vêm cabendo na minha análise pessoal.

Segundo Lowen (1982, p. 49-50) essas dificuldades são resultado de conflitos inconscientes entre vários aspectos da personalidade, sendo que o mais comum é o

[...] existente entre necessidades e exigências insatisfeitas, da fase infantil, e os anseios e esforços da fase adulta. A condição de adulto requer que a pessoa seja independente, se apoie sobre seus pés e que assuma a responsabilidade de satisfazer seus desejos e carências. Os que estão em conflito, porém, sofrem com os seus esforços para se tornarem independentes e responsáveis; *ficam debilitados por desejos inconscientes de que alguém lhes dê apoio e que assumam por eles os cuidados necessários. O resultado são pessoas confusas tanto física quanto psicologicamente. Em seu comportamento, mostrarão uma independência exagerada, ao lado do medo de ficarem sós e à incapacidade de tomarem decisões.* Pode-se notar a mesma figura confusa em seus corpos. Os aspectos infantis da personalidade podem manifestar-se em mãos e pés pequenos, *em pernas longas e finas que parecem não ser o suporte adequado, ou em sistema muscular subdesenvolvido que não tem o potencial agressivo para conseguir o que o indivíduo necessita ou deseja*¹⁰.

Entendendo então que a “fúria” nas brincadeiras de Gabriel poderiam dizer de sua raiva diante do trauma de seu nascimento – também da reação de incompreensão e “repulsa” (“*parecia um rato*”) também muito traumática de seus pais diante de seu nascimento e diagnóstico – acolher e tentar “organizar” suas expressões de raiva de forma que o sentimento pudesse ser integrado ao corpo foi uma tentativa da qual lancei mão quando em um determinado momento da sessão em que, novamente, as bonecas começaram a brigar, sugeri:

“Propus então que a gente batesse nas bonecas ajeitadas uma ao lado da outra sobre os *puffs*. Primeiro bem forte em todas, depois contando três vezes forte em cada uma, depois três vezes forte e três vezes fraco em cada uma. Como ele batia bem forte em cada uma e sobre os *puffs*, fazia um barulho bem forte (com algum resíduo de som que ele conseguia ouvir/sentir). **Depois que começou a bater perguntou algumas vezes se estava barulho e se a mãe conseguia ouvir do lado de fora da sala.** Eu respondi que sim, mas que não tinha problema se ela ouvisse, que ela podia ouvir, porque a nossa brincadeira era para fazer barulho mesmo. Quando acabou, sentou ao lado dos *puffs* e, mais calmo, começou a organizar as bonecas dentro da caixa, “porque era hora de dormir”. Eu disse que sim, que era uma boa hora para descansar. Antes de ir embora ele pediu para ir ao banheiro fazer xixi e eu entendi que também era uma forma dele descarregar energia”.

Fonte: anotações do caderno de campo.

¹⁰ Grifos meus.

Ao bater com fúria as bonecas nos *puffs*, Gabriel perguntava se tinha barulho e se a mãe era capaz de ouvi-lo do lado de fora. Talvez a raiva e a tentativa de “fazer barulho” também pudessem materializar o pedido de Gabriel pelo afeto da mãe, sua tentativa de ser “ouvido”, ser visto, ser amado¹¹.

Se compreendemos com a Bioenergética que nem todo trauma origina uma “traumatização”, ou seja, que o trauma quando acolhido e compartilhado pode abrir brechas para uma integração da personalidade (e, ao contrário, quando há “segredo”, “o secreto”, o “não-dito”, estamos diante de uma condição traumática de conflito e limitação da livre pulsação de energia), me parece que, por meio da sua raiva, Gabriel reivindicava o desejo de *poder ser* – e ser amado da forma em que era, com suas limitações e diferenças. Nesse sentido, de acordo com Lowen (1982, p. 50),

na medida em que o organismo humano vai crescendo, vai adicionando camadas à personalidade, cada uma das quais permanece viva e em funcionamento, na fase adulta. Quando são acessíveis ao indivíduo, constituem uma personalidade integrada e livre de conflitos. Se qualquer camada, ou seja, qualquer experiência, for reprimida ou deixar de estar disponível, a personalidade entra em conflito e, portanto, se limita.

Retomando a história de gestação e nascimento de Gabriel, sua “agressividade e hiperatividade” (que foram trazidas como queixas pela mãe ao procurar pelo atendimento psicoterapêutico) podem revelar seu estado de dor, uma vez que “o bebê se caracteriza pelo desejo de intimidade e aproximação, principalmente com a mãe. Quer ser carregado, afagado, bem-vindo e aceito. O amor [...] pode ser definido como um desejo de proximidade mais íntima. Quando a necessidade de proximidade é satisfeita, o bebê está em estado de prazer. A privação desta necessária proximidade resulta num estado de dor” (LOWEN, 1982, p. 52).

Gabriel foi privado da proximidade mais íntima com a mãe – seja durante o período logo após seu nascimento (em que ficou na incubadora), seja depois, no distanciamento provocado pela surdez e pela dificuldade existente diante da diferença linguística e nessa percepção da mãe de que o filho “é um quebra-cabeças em que está faltando alguma peça¹²”. Ainda nesse sentido, no único atendimento em que o pai compareceu, disse: “quando ele se comporta assim [como as outras crianças surdas, gritando] as pessoas olham e dizem ‘certeza de que ele é autista!’ . Mas ele não é assim o tempo todo, é muito chato quando isso acontece!¹³”.

¹¹ Agradeço o diálogo com Fabiana Guimarães, que supervisionou meus atendimentos e a escrita deste trabalho, por seu olhar atento e que, com cuidado, me trouxe a possibilidade dessa interpretação analítica.

¹² Relato registrado no caderno de campo, no único atendimento em que compareceram o pai e a mãe.

¹³ Relato registrado no caderno de campo, no único atendimento em que compareceram o pai e a mãe.

Em momentos que foram percebidas ainda muita agitação e ansiedade (e não fúria, como nas sessões com as bonecas), tentei trabalhar a percepção do “aqui/agora” com Gabriel propondo, por exemplo, a respiração dentro do saquinho plástico (técnica inspirada por Glenn Doman¹⁴):

“Gabriel chegou para a sessão muito agitado, relatando que havia batido na mulher ao ir no posto de saúde tomar vacina. Misturou os assuntos ainda na recepção – parecia muito assustado e ansioso. Na sala, tentamos organizar os assuntos em tópicos. Sugeri que era melhor que a gente fizesse uma coisa antes de começar a conversar, que era aprender a respirar dentro do saquinho para conseguir pensar e falar melhor. Fizemos a respiração juntos algumas vezes, até sentir que estava mais calmo para contar o que tinha acontecido”.

Fonte: anotações do caderno de campo.

A respiração está intimamente relacionada aos estados emocionais. Considerando a ideia de Lowen (1984, p. 33-34) de que “a incapacidade para respirar normalmente torna-se o principal obstáculo para se recuperar a saúde emocional” e que, assim como a inibição da respiração é utilizada para reprimir emoções e sensações, um trabalho que tenha como foco a liberação das tensões que limitam a respiração, ajuda a relaxar todo o corpo, a elaborar os conflitos emocionais e promover a espontaneidade e expressão dos sentimentos (LOWEN, 1984; LOWEN, 2007). Assim, trabalhar com a respiração no saquinho pôde ajudar Gabriel a elaborar sua ansiedade e medo.

Além de respirarmos juntos, nessa sessão também convidei a mãe para que participasse conosco, apresentando esse recurso de respiração para que ela pudesse fazer em casa em momentos em que sentisse Gabriel muito ansioso, confuso ou com medo (mas não apenas ele, uma vez que ressaltai que esse era um recurso que ela poderia fazer quando ela também se sentisse assim).

Pensando sobre os modos como Gabriel expressava sentimentos, retomo Keleman (1994, p. 31), quando afirma que

¹⁴ O Método Glenn Doman é constituído por diversos programas que se inter-relacionam. Estes direcionam-se às áreas auditiva, visual, tátil, de mobilidade, linguagem e destreza manual. Para cada uma destas áreas existem programas específicos. O objetivo é que a criança adquira uma capacidade que não detém, recuperar uma que tenha sido perdida ou até potenciar essa capacidade. Este método combina materiais utilizados noutras abordagens e outros desenvolvidos por Glenn Doman e pela sua equipe. O objetivo do criador deste método é tornar os programas os mais completos possíveis. Disponível em <https://domanbrasil.com.br/> Acessado em 14/04/2025.

Crianças que não obtêm o que precisam sentem-se vítimas de seus próprios sentimentos. A criança que precisa ser atendida ou necessita de aprovação e não consegue mobilizar seus pais, passa a experimentar os sentimentos como algo perigoso. Quando está triste e seu choro é ridicularizado, aprende a sentir a tristeza como sua inimiga. [...] Desenvolvemos, então, uma imagem dos sentimentos como perigosos e instituímos uma série de padrões corporais que tentam suprimi-los ou canalizá-los em outra direção.

Nessa direção, entendo que Gabriel buscava um lugar de segurança para se autorizar a sentir e para construir seu próprio tórax, ou seja, buscava um lugar de amparo para se autorizar a sentir. Quando, ao encerrarmos uma sessão, ele me pergunta “*você está triste?*”, talvez estivesse tentando me dizer da sua tristeza por terminarmos nosso encontro, pois como nos lembra Keleman, “sentimentos buscam respostas” (1994, p. 32).

Entendi ali que Gabriel buscava identificar a sua tristeza a partir da minha e que “quando ganhamos consciência do que visam nossos sentimentos, a quem eles se destinam e que tipo de resposta desejamos, podemos conviver com eles de outras maneiras” (KELEMAN, 1994, p. 32). Talvez Gabriel quisesse se certificar que embora ficássemos distantes, não seria abandonado.

“Sim, eu estou um pouco triste e acho que você também, porque hoje acabou. Mas ao mesmo tempo estou feliz, porque semana que vem você volta de novo e eu estarei aqui”, respondi assim, para depois compreender que “temos muitos sentimentos e eles podem estar em conflito uns com os outros” e que “viver com emoções e sentimentos contraditórios é uma arte, que evidencia nossa complexidade” (KELEMAN, 1994, p. 33).

Identificar o momento da tristeza pelo paciente é importante, como nos lembra Keleman, porque é importante aprender a “conviver com um adicional de excitação sem se descontrolar” (KELEMAN, 1994, p. 33) – e era desse amparo que, suponho, Gabriel precisava para ter uma “calma interna”, um contorno aos seus traumas intrauterinos que provocavam a dificuldade para sua lucidez e para o contato com as outras pessoas – a calma em nós acalma o entorno.

Entendendo que as condições de concepção, gestação e nascimento de Gabriel o colocaram numa angústia constante de vida ou morte, compreendo que ele precisava de um encontro/vínculo que pudesse propiciar um movimento de cura. Isso porque, conforme aponta Boadella (1992, apud VALENTE; ALEXANDRE, 2022), é possível fazer referência a três formas de afetos percebidos ainda na vida intrauterina e que vão influenciar os posteriores mecanismos de vinculação do ser humano:

(1) Afeto da pele fetal (ectoderma): determinará, por meio do contato físico da pele com o líquido amniótico, como se dará o contato consigo, com o outro e com o ambiente mesmo após o nascimento. Irá influenciar não só o pensamento, mas também as relações humanas. (2) Afeto umbilical (endoderma): relacionado com as experiências de contato do feto com o cordão umbilical e a nutrição materna. Revelará o grau de nutrição materna - qualidade do sentimento -, bem como a carga energética que o bebê dispõe. (3) Afeto cinético (mesoderma): participa da construção do contato com a realidade externa. A depender das informações recebidas no útero, o bebê vai “aprendendo” modelos de conduta, podendo ser mais gracioso ou tenso (VALENTE; ALEXANDRE, 2022, p. 52).

Desse modo, segundo Boadella (1992), as experiências pré-natais serão fundamentais para servir de guia para a vida pós-natal. Nesse sentido, é preciso cuidar para que o atendimento não reedite o trauma – sendo, contudo, um espaço possível para a reedição da situação traumática, acolhendo e percebendo o pedido de ajuda e dando espaço para a manifestação de sentimentos sem julgamentos.

Foi nesse contexto, então, que começamos a descansar no final das sessões. Depois que apresentei essa possibilidade para Gabriel, tirando um cobertorzinho do armário e perguntando se ele gostaria de descansar um pouco antes de ir embora, ele mesmo passou a sinalizar o momento da sessão em que já gostaria de ir descansar.

Fiquei pensando o quanto esse momento pode ter sido significativo para Gabriel, uma vez que, durante seu descanso, ele podia me pedir “senta aqui”, me colocando bem perto de onde ele estava deitado, e o quanto esse gesto de “velar seu sono” pode ter sido uma reedição da situação traumática (experiência de dormir na solidão e com medo na incubadora), mas não do trauma em si (desamparo/solidão), já que agora ele podia descansar sabendo da minha presença ao seu lado. Logo, como defende Boadella (1992), trabalhamos com dimensões primárias da experiência humana, visando, de acordo com a Biossíntese, reestabelecer o contato de Gabriel com suas camadas mais profundas para a construção de sua segurança em existir e firmar-se na vida (*grounding*).

Segundo Boadella (1992), o *Grounding* é construído a partir da relação de segurança e suporte do cuidador principal, na maioria das vezes a mãe, com seu bebê. Quando ela o segura nos braços, sustenta o seu corpo e se comunica com ele, estabelece uma conexão afetiva através do olhar, da linguagem verbal e não verbal. No entanto, no caso de um bebê surdo, a experiência de suporte físico e psicológico pode ser afetada pelas intervenções médicas precoces e pelo estado de angústia, medo e apreensão da figura materna diante do seu futuro, do futuro do seu filho e da sua própria família. Esse contexto pode repercutir em bloqueios tanto no desenvolvimento infantil como no próprio suporte, afeto e fazer materno.

Nesse contexto, ainda, penso o quanto os atendimentos podem ter possibilitado para Gabriel modos de “aprender a traduzir suas experiências em uma nova maneira de usar-se a si mesmo” (KELEMAN, 1994, p. 25). Ou, ainda, a “dar espaço para que seus sentimentos se expressassem como novas imagens, para que outras possibilidades encontrem expressão no presente, em vez de viver padrões já desatualizados” (KELEMAN, 1994, p. 25).

Passados seis meses de atendimento, a mãe de Gabriel me procurou para dizer que os atendimentos, “infelizmente”, teriam que ser interrompidos, uma vez que ela precisava de uma profissional que atendesse através do plano de saúde – o que não era o meu caso. Embora tenha me dito que via as mudanças no comportamento de Gabriel e nos modos como ele estava se relacionando em casa e na escola, a mãe me disse que havia começado uma especialização em “TDHA e Altas Habilidades”, por “ter certeza” de que o diagnóstico do filho passava por esse contexto “médico”.

Disse, ainda, que buscava com essa formação (profissionalmente trabalhava como professora do ensino fundamental) “entender melhor o filho”. Completamente surpresa com a decisão da mãe, assenti, embora não concordasse absolutamente nem com a saída do processo terapêutico naquele momento, nem com a forma de “leitura diagnóstica” proposta pela mãe. Em relação à decisão da família, inclusive, fiquei pensando que “as resistências contra a cura são, talvez, maiores do que supomos. Isso não é de se surpreender, já que os sintomas representam substitutos de satisfações que se tornaram inacessíveis” (FREUD, 1937, p. 56), ou seja, as resistências são formas de manter benefícios inconscientes. Contudo, concordei, dizendo que na próxima semana, então, faríamos uma sessão para que eu pudesse dizer da decisão (que não era minha, mas também da qual não discordei) e para que pudéssemos nos despedir.

Eu estava preocupada com nosso último atendimento, achava que ele não compreenderia, não aceitaria que fosse nosso último encontro. No fundo, talvez eu desejasse por isso, por essa reivindicação de Gabriel por continuarmos com os atendimentos. Eu me sentia triste e impotente diante da decisão da família, por não ter conseguido me colocar dizendo para a mãe de Gabriel que eu não estava de acordo com esse processo de alta (e que na verdade não foi um “processo”, mas uma interrupção). Ao mesmo tempo, pensava que talvez tivesse “fracassado”, que o que tinha proposto como intervenção tinham sido estratégias equivocadas, e isso também me angustiava. Me sentia frustrada. Claro que, ao considerar a dinâmica da transferência/contratransferência, percebo que esse processo de “encerramento” do processo diz muito mais a meu respeito – sobre meu traço de caráter, minhas resistências e minhas defesas – do que, apenas, da compreensão de Gabriel.

Na nossa última sessão, antes de encontrá-lo na recepção, me senti um pouco ansiosa, meu coração batia rápido a ponto de fazer doer o peito. Ele estava animado, brincamos, conversamos e descansamos. Avisei Gabriel que aquele seria nosso último atendimento, porque agora ele já tinha aprendido muitas coisas ali e poderia contar para outras pessoas o que tínhamos inventado juntos (a mãe já tinha me avisado que pelo plano de saúde havia encontrado uma psicóloga que sabia o “básico” de Libras). Falei isso da forma mais “positiva” que consegui, porque não queria que ele sentisse que eu não queria mais encontrar com ele. Queria que ele soubesse que eu continuaria ali e me preocupei no modo de sinalizar (dizer em Libras) isso para ele.

Ele me olhou, tranquilo. “E amanhã eu posso te mandar uma foto?” – me perguntou, ao que respondi que sim, claro. Eu me senti aliviada, porque ele não estava se sentindo abandonado e, ao mesmo tempo, também não estava me abandonando.

Às seis e dezoito da manhã do dia seguinte recebi uma foto de uma cachorrinha encardida, acompanhada da legenda: “OI JANA, ESSA É BELINHA LINDA MUITO FOFA. BEIJOS”.

Eu também não me senti abandonada, nosso vínculo estava seguro.

5. Algumas considerações

Este trabalho descreve o atendimento clínico de uma criança surda, falante de Libras, a partir de uma intervenção inspirada na psicoterapia corporal reichiana e neorreichiana. Considerando questões que se relacionam à diferença linguística entre terapeuta (ouvinte) e criança (surda), são tecidos alguns apontamentos sobre as (im)possibilidades da transferência/contratransferência na clínica psicanalítica com crianças surdas – a partir da visualidade como uma outra via de *escuta* - assumindo, nesse sentido, o compromisso já há muito defendido por Reich (2013) de satisfazer melhor e dignamente todos os desejos vitais da saúde, cuidando com especial atenção das crianças.

Compreendendo que, “uma vez que as crianças não são totalmente encouraçadas [e que] não podemos empregar a mesma técnica orgonômica de análise do caráter aplicada a biopatia de adultos” (REICH, 2013, p. 62), o desafio imposto para mim, com este trabalho (para além de retornar ao consultório atuando como psicóloga depois de praticamente uma década apenas na docência), foi o de pensar, sentir e construir um espaço seguro para o atendimento de uma criança surda, a partir de um olhar inspirado na Psicologia Corporal.

Mais do que aplicar um protocolo ou propor *actings* aprendidos e experienciados ao longo da formação no Raiz, ao retomar as anotações do caderno de campo para a produção deste trabalho, sinto que para atender Gabriel eu coloquei meu corpo em campo para que, então, ele pudesse ter uma relação com uma qualidade mais afetiva do que os atendimentos médicos/clínicos tidos até então. Tentei no trabalho perceber a sua movimentação corporal espontânea (e não somente seu discurso em Libras), e com isso criar um espaço para a manifestação segura e consentida de seus sentimentos (como fúria, medo, raiva ou tristeza). Fizemos exercícios de respiração e relaxamento, buscando tanto uma organização linguística e de pensamento, como corporal/emocional. Busquei, de algum modo, uma ressonância com seu corpo, sua respiração e com seus sentimentos – mais do que intervenções “técnicas” - confesso.

Com isso, foi sendo percebida também uma mudança no comportamento da criança, lida inicialmente por seu entorno como “agressiva, hiperativa e inadequada”. Apesar da minha experiência inicial no contexto da Psicologia Corporal, o contexto deste trabalho me anima a pensar e a defender novos estudos que proponham uma clínica corporal de inspiração reichiana/neorreichiana que contemple a especificidade linguística/visual de corpos surdos – especialmente das crianças.

Isso porque *senti* que o objetivo do trabalho e do encontro com Gabriel era apoiá-lo para que pudesse, enfim, apreciar o milagre da sua vida em seu corpo, reconhecendo que, diante de todas as dificuldades e superações desde sua gestação, sua vida (e, por que não?), sua surdez, poderiam ser representadas, sentidas e vividas como um grande milagre.

6. Posfácio

Colocando meu corpo em campo

Assenti.

Não era a hora de encerrar o processo terapêutico, eu sentia que estávamos indo muito bem, avançando, tínhamos vínculo. Mas, mesmo assim, concordei.

Sequer questioneei a mãe, embora a minha autoridade como terapeuta ali devesse ter entrado em jogo. O que os atendimentos provocam em mim, no meu corpo? O que produzem em mim, ao tensionar minha dificuldade imensa de me autorizar?

Autoridade não é autoritarismo – canso de repetir aos meus alunos, como quem fala em voz alta tentando ouvir a si mesma.

A cura requer humildade – se reconhecer como aprendiz. Mas no meu caso, é isso mesmo? Minha “pretensa humildade” não tem me colocado em um lugar que, no fundo,

pretende disfarçar meu “medo do colapso, do fracasso ou da inevitável instabilidade”? (KELEMAN, 1994, p. 30). “Desenvolvemos, então, uma imagem dos sentimentos como perigosos e instituímos uma série de padrões corporais que tentam suprimi-los ou canalizá-los em outra direção” (KELEMAN, 1994, p. 31).

Anotado no meu caderno:

“o trabalho final precisa refletir, de algum modo, o que o curso fez comigo até aqui; não é um trabalho de reprodução, mas um trabalho de construção, de produção, a partir da teoria, mas na relação com as minhas jornadas interiores/anteriores”.

As anotações seguem, em tópicos:

- ✓ pensamento produzido a partir do curso;
- ✓ vísceras que são escritas;
- ✓ elaboração da despedida.

Difícil. Seguem as anotações: “às vezes a gente chama de difícil o que, no fundo, é emocionante”.

Emocionante chegar até aqui e ouvir, durante a apresentação do projeto, que está tudo bem com a minha criança, “ela está ótima, sua questão é a sua mulher adulta!”.

Fico um pouco sem saber como encerrar o texto. Recorro então às anotações do caderno, do “nosso” caderno, que achei tão bonito com meu nome na capa e que acompanhou essa jornada ao longo dos últimos três anos. É justo, então, que apareça agora, aqui, nessa quarta jornada. A última anotação, de 08 de dezembro de 2024:

“Ficar presa no próprio caráter impede a gente de mudar, lugar que leva a gente a ficar presa no próprio ‘calvário’, impedindo a gente de viver”.

É preciso coragem para compreender as entrelinhas.

É preciso coragem para dizer da minha cena: revivemos, eu e Gabriel, a relação de mãe e filho da qual precisávamos para nos curar.

Ao mesmo tempo em que testemunhei sua vida (seu nascimento, seu sono, suas brincadeiras, suas alegrias, seus desejos, sua fúria, suas dúvidas e seus medos), Gabriel testemunhou minha capacidade de amar e de maternar – e de fazer isso bem, coisa de que sempre duvidei.

Tivemos, através das dinâmicas de transferência e contratransferência durante seu processo terapêutico, a oportunidade de nos refazermos como filho e como mãe, como criança

e como mulher adulta. Nesse encontro, pudemos compartilhar de uma mesma língua e a segurança do encontro é o que pode trazer a cura.

Figura 2: Imagem da última carta retirada no Kairós “Jornada do Herói”, realizado em agosto de 2024.



Referências

BOADELLA, David. **Correntes da vida**: uma introdução à biossíntese. São Paulo: Summus, 1992.

DOMAN, Glenn. Doman Brasil, página inicial disponível em <https://domanbrasil.com.br/> . Acesso em 14/04/2025.

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável. In: S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (Vol. 23, pp. 239-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).

KELEMAN, Stanley. **Realidade Somática**: experiência corporal e verdade emocional. São Paulo: Summus, 1994.

LOWEN, Alexander. O prazer de estar cheio de vida. In: LOWEN, Alexander. **Prazer**: uma abordagem criativa da vida. 6ª ed. Tradução de Ibanez de Carvalho Filho. São Paulo: Summus, 1984.

LOWEN, Alexander. Respiração. In: LOWEN, Alexander. **A espiritualidade do corpo**: bioenergética para a beleza e harmonia. Tradução de Paulo Cesar de Oliveira. 12ª ed. São Paulo: Pensamento, 2007.

LUZ, Renato Dente. **Cenas Surdas**: os surdos terão lugar no coração do mundo? São Paulo: Parábola, 2013.

NAVARRO, Federico. **Somatopsicopatologia**. São Paulo: Summus, 1996.

REICH, Wilhelm. **Children of Future**. On the prevention of sexual pathology. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1987. Tradução independente feita por José Henrique Volpi e Sandra Volpi, 2013.

SOLÉ, Maria Cristina Petrucci. **O Sujeito surdo e a psicanálise**: uma outra via de escuta. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

VALENTE, Fernanda Pinheiro Rebouças; ALEXANDRE, Dulcinéia Pires Azevedo. A Biossíntese e a psicologia na reabilitação física: Possibilidades do trabalho corporal em um Centro de Reabilitação Infantil. **Revista Latino-Americana de Psicologia Corporal**, V.9, No. 14, p.48-68, 2022.

WAGNER, Cláudio Mello. **A transferência na clínica reichiana**. 2ª Ed. São Paulo: Summus, 2022.